



PROFESSOR DOUTOR **JACQUES**

FONTANILLE

POPULISMO: A GRANDE VIRADA SEMIÓTICA | **CONFLITOS DE FORMAS** DE VIDA EM IDRISSE OUEDRAOGO |
PAIXÕES DO CORPO COMO MEDIAÇÃO E TRANSGRESSÃO

interin



Universidade
Tuiuti do
Paraná



[ENTREVISTA]

Percursos e tendências da semiótica: entrevista com Jacques Fontanille

Semiotics trends and routes: Interview with Jacques Fontanille

Analuce Danda Coelho Medeiros

Doutoranda em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Mestre em Comunicação e Linguagens (UTP-2005). Professora de graduação e de pós-graduação lato sensu (presencial e EAD). Bacharel em Jornalismo e em Direito. Autora de livros. Brasil. E-mail: analuce.medeiros@utp.br / prof.danda@gmail.com.

Marcia Boroski

Doutoranda em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente em cursos de graduação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Brasil. E-mail: boroskimarcia@gmail.com.

Jacques Fontanille é um dos expoentes da semiótica de tradição greimasiana, tendo participado como um dos discípulos e estudiosos mais próximos do reconhecido semioticista Algirdas-Julien Greimas nos círculos de debates dos seus *Seminaires* em Paris, aos quais dá continuidade juntamente com outros pesquisadores de destaque pela criação dos *Séminaires Intersémiotiques de Paris*. Doutor em Semiótica pela Universidade de Paris IV-Sorbonne e docente da Université de Limoges, onde fundou o Centre de Recherches Sémiotiques – CERES (Centro de Pesquisas Semióticas) e atuou como reitor. Fontanille é Professor Emérito do Institut Universitaire de France.

Em seus trabalhos, mantém articulação com a semiótica fundadora, sem deixar de fazer importantes desdobramentos para as investigações atuais, sobretudo trazendo novos objetos de investigação a esse domínio de conhecimento. Além disso, tem uma vasta e referenciada obra, com a publicação de dezenas de livros e artigos, muitos deles traduzidos para diversas línguas. Para citar alguns: *Le savoir partagé* (1987), *Les espaces subjectifs* (1989), *Sémiotique des passions* (1991, em co-autoria com A. J. Greimas), *Semiótica de las pasiones: El seminario* (1995), *Sémiotique du visible* (1995), *Tension et signification* (1998, em co-autoria com C. Zilberberg), *Sémiotique et littérature* (1999), *Soma et séma* (2004), *Dictionnaire des passions littéraires* (2005, em co-autoria com E. RalloDitche e P. Lombardo) e *Significação e visualidade – exercícios práticos* (2005).

Em entrevista à Revista *Interin*¹, o pesquisador falou sobre as diferenças e proximidades entre os processos de comunicação, significação, enunciação e linguagens e também sobre as transformações sofridas e necessárias à semiótica no contato com seus objetos de pesquisa. Relembrou o caráter empírico da semiótica enquanto ciência, além de estabelecer algumas relações entre estudos sobre corpo e sinestesia. Compartilhou ainda passagens e memórias do processo de escrita e publicação do livro *Semiótica das paixões* (1991), com A. J. Greimas, lembrando a necessidade de vínculo com o outro (ou outros) para a produção de conhecimento.

REVISTA INTERIN - *Em termos semióticos, como o senhor compreende a articulação entre a Comunicação e a Linguagem?*

Jacques Fontanille - A articulação entre a comunicação e a linguagem, do ponto de vista semiótico, é muito diferente conforme as opções teóricas. Na semiótica dita pragmática, que é extraída de Peirce, a filosofia americana, não se faz essa relação com a linguagem. Existem processos de comunicação no sentido da semiótica que são independentes da linguagem e posicionam-se, sobretudo, na semiótica de inspiração europeia. Notadamente, a semiótica baseada em Saussure e demais linguistas europeus que fizeram uma extensão da noção de comunicação um conjunto das linguagens, e começaram a estudar as linguagens verbais, as línguas. Nesse quadro, Greimas tinha formulado uma questão inovadora, dizendo que existem dois objetos diferentes: a comunicação e a significação.

Para Greimas, a semiótica deveria ocupar-se da significação: como a linguagem “significa” e não como ela “comunica”, pois a comunicação seria um dos meios, uma das soluções para fazer com que a linguagem significasse algo. Entretanto, é possível ter modalidades de significação que não passem pela comunicação, ou seja,

¹ Entrevista concedida por ocasião de sua visita a Curitiba, convidado a ministrar palestras no PPGCom/UTP. Sua vinda foi possível graças à solidariedade acadêmica de colegas do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – UFF-RJ e a parceria dos Grupos de Pesquisa INCOM (Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais), da UTP, e SeDi (Grupo de Pesquisa em Semiótica e Discurso), vinculado ao PPG Estudos de Linguagens da UFF. Contou com o apoio financeiro da FAPERJ-RJ e da UTP-PR. Agradecemos à professora Doutora Kati Eliana Caetano por mediar o evento e auxiliar neste percurso semiótico de conhecer o outro. Entrevista realizada em Francês, em 12 de março de 2020, na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e traduzida por Analuce Danda Coelho Medeiros.

a semiótica pode estudar fenômenos de significação que não comunicam com ninguém.

Não se pode fazer semiótica apoiada unicamente na comunicação porque seria muito reduzida. Existe uma outra articulação complementar que é aquela do tipo da enunciação: para significar, para fazer existir uma significação é preciso uma enunciação que encontre expressões que a tornem disponível no mundo natural. Nesse momento, passam a existir enunciações que são para certas comunicações. Pode-se, por exemplo, enunciar leis, leis não são comunicação. A lei prescreve normas, a memória de uma coletividade política. Isso não é comunicação. Pode-se enunciar significações para aliviar a dor de alguém. Particularmente, eu não vejo aí comunicação. Nesse caso, o que se diz não tem quase nada, nenhuma importância.

A forma de falar, o tom, a voz, é o que faz considerar a comunicação como algo tão extenso que se confunde com toda a significação. Logo, a comunicação é uma das modalidades possíveis da significação e de sua enunciação.

REVISTA INTERIN - *A partir de seus estudos, que articulam formas de vida, os corpos, os sentidos... de que modo podemos inserir estes objetos de estudo no campo da Comunicação?*

Jacques Fontanille - É necessário fazer uma distinção nas noções da primeira e da segunda pergunta. Na primeira você me falou da comunicação como uma noção. Na segunda você me fala do domínio da Comunicação. Isso quer dizer um domínio acadêmico, ou um modo das pessoas, ou uma pesquisa, ou se isso interessa à Comunicação do ponto de vista sociológico, econômico, filosófico, semiótico etc. Falamos aqui do domínio da Comunicação como domínio acadêmico. No domínio da Comunicação, pode-se ter a necessidade de compreender os fenômenos em diferentes práticas, seja na comunicação, na política ou na publicidade, por exemplo. Em diferentes práticas temos necessidades de diferentes ferramentas conceituais que vão ser utilizadas sem, forçosamente, utilizarmos a totalidade da teoria.

A questão sobre o modo de vida já foi utilizada nos anos 1970, no século XX, por psicólogos da comunicação que começaram a desenvolvê-la e depois pararam porque estavam um pouco isolados neste tipo de estudo. Isso pode dar uma indicação do conceito semiótico em torno do corpo, por exemplo, pode ser muito útil a uma

comunicação que vai se interessar pelo papel do corpo na comunicação. Logo, é dentro de um outro espírito, o domínio da comunicação não é tão limitado à Teoria da Comunicação, ele é largamente aberto a várias disciplinas e tem necessidade de um aporte extremamente variado em função dos problemas que são tratados.

Penso que a questão das formas de vida, por exemplo, no domínio da Comunicação pode contribuir à definição de um poder legítimo de intercâmbios. Falemos, por exemplo, do contrato comunicacional, das promessas de comunicação etc. Os contratos, as promessas, exercem um poder coletivo que nunca foram claramente precisos. Muito frequentemente, os estudos em Comunicação vão imediatamente impactar as tecnologias, a Sociologia, sob o poder das quais se faz contratos ou promessas comunicativas. Entre os dois, na minha opinião, há um jogo para um modo de vida, uma dimensão ética, uma parte da forma de vida.

REVISTA INTERIN - *O senhor tem trabalhado com vários objetos e processos: as paixões, as formas de vida, as figuras do corpo, os rastros, o odor, a significação e a tensão, aspectos da visualidade, entre outros. É possível dizer que essa diversidade implica um avanço metodológico ou mudanças de enfoque da própria Semiótica ao longo de sua trajetória?*

Jacques Fontanille - Primeiramente eu penso que isso que se experimenta, essa diversidade é um progresso na semiótica afrontando objetos concretos. Isso quer dizer que não são nunca os objetos que vêm como exemplos para uma teoria única. Eu nunca escolhi objetos para ilustrar uma teoria já existente, mas sempre escolhi objetos por razões muito variáveis, seja porque eu tenho razões para colaborar com alguém ou porque devia participar de um programa coletivo, ou porque pretendia descobrir um objeto lendo, ou ainda porque eu estava apaixonado por um assunto muito diverso, mas sempre dentro do mesmo espírito.

Eu espero sempre que o objeto ofereça alguma resistência, crie problemas para que eu tenha necessidade de inventar soluções. E, exatamente por isso, interessei-me um pouco mais pelo Populismo, por exemplo. Landowski pediu para que eu fizesse um relatório sobre a contribuição ao Populismo e isto é uma explicação muito clássica no meio acadêmico: uma pergunta que leva a outra pergunta. Em seguida, eu olhei o objeto, li e achei problemas. Os problemas, os resumi no final: a descrição do

Populismo a partir da tipologia não específica do próprio Populismo e como explicamos que isso se torna específico. É para resolver esses problemas que eu faço apelo a uma noção que eu nunca utilizei antes pessoalmente. Essa diversidade mostra minha convicção pelo olhar da Semiótica.

A Semiótica é uma ciência empírica que obriga que retornemos, sem parada, aos objetos concretos, senão passamos a vida a repetir. Imaginamos um dia um conceito, um modelo, com um conjunto de conceitos e os repetimos durante 20 ou 30 anos em todos os objetos que escolhemos unicamente para provar que isso acontece. Aprendi isso pelos maus exemplos dados pelo grupo de Greimas, não por Greimas ele mesmo, mas pelo seu grupo, entre os anos 1960 e 1980.

Greimas estava contente quando demonstrou que seu modelo funcionava bem. Logo, todo mundo fazia, pegava os exemplos para mostrar que o modelo funcionava e não descobriam nada de novo. Mas Greimas descobriu novas coisas porque foi ele quem decidiu como começar a partir das esperas das modalidades, das paixões e, logo depois, da figuratividade. Construiu o progresso enquanto os outros se contentavam em mostrar que "a máquina funcionava bem" e não descobriam nada de novo, apenas "faziam o motor girar" sempre de forma parecida.

É por isso inclusive que a Semiótica começou a ser desconsiderada: não se produzia mais coisas novas. Existem muitos semioticistas que fazem semióticas especulativas, construindo modelos abstratos. A Semiótica é uma ciência empírica e deve ocupar-se de objetos concretos: é preciso que os objetos resistam para que seja uma aceleração científica no mundo da ciência da linguagem.

Num dado momento, decidi que não deveria tratar tudo ao mesmo tempo e comecei pela paixão a partir de estudos de Greimas, depois fiz a tensiva com Claude Zilberberg, até porque ele dizia alguma coisa que concordava com minha paixão, sobre minha paixão, falando pouco mais com intensidade. Na sequência, pensei que precisava falar sobre o corpo porque nós tínhamos introduzido o corpo na *semiosis*, na perfeição de Greimas, na paixão e não tínhamos dito muita coisa. Quando comecei a experimentar distinguir funções semióticas era a época em que Landowski fazia diferentes centros de regime de sentido... os regimes de sentido de Landowski são sobre o plano das interações e dos conteúdos e eu percebi que era preciso completar essas questões por regimes semióticos do lado das expressões.

Quando comecei a refletir sobre isso, tratei signos e precisava começar a tratar os objetos cotidianos, além de outros pouco tratados: as práticas e os modos de vida. Essa era a sequência. Não era ao acaso dos objetos, mas optei em continuar a escolher os objetos que resistem. É a escolha de liberá-los. Nesse momento, houve um acúmulo de problemas sucessivos diferentes: não sei se é um registro da semiótica, um alargamento da semiótica, um acúmulo de propostas de conceitos sobre as práticas ou, notadamente, a forma de vida. Uma coisa é certa: é preciso estar em movimento, é preciso um movimento perpétuo.

REVISTA INTERIN - *Em face da combinação de sensações e percepções (paixões, odores etc.) estudadas pelo senhor, posso dizer que a comunicação é a mais perfeita sinestesia que podemos encontrar aos olhos da Semiótica?*

Jacques Fontanille - Eu tenho que refletir porque a pergunta é um pouco complicada. Penso primeiramente, que a sinestesia, isso quer dizer, as relações estabelecidas entre os diferentes órgãos sensoriais é, inicialmente, uma operação corporal.

Se os seres vivos têm um sistema perceptivo muito diverso é porque têm percepções sinestésicas, seus corpos são equipados para isso. Desde Aristóteles que se acredita que há, para os seres humanos, uma espécie de “senso comum”, o “*sensorium commune*” que se traduz como uma forma de sinestesia a qual chamamos de “*kenesthésie*” (sinestesia), a tradução sensorial comum na versão grega. A ideia é que o corpo conecta todas as sensações. Recentemente trabalhei essa questão para um assunto que tem uma relação com o rosto. A totalidade do envolvimento corporal conecta todas as sensações e provoca uma forma de sinestesia: a parte do corpo que lhe conecta mais ainda é o rosto porque nele está a totalidade dos órgãos sensoriais reunida, ou seja, visão, olfato, audição, degustação, língua, tudo! Isso é uma disposição corporal. Se se faz entrar o corpo no ato de comunicação, evidentemente, com o corpo, há a sinestesia corporal, essa capacidade de associar todas as ordens sensoriais.

Há outra maneira de abordar o problema: é na estrutura do ato. Isto porque na estrutura do ato de comunicação há um princípio previsto: um retorno. Seja um retorno que simplesmente acusa uma forma de recepção (“sim, eu recebi o que me foi comunicado”), ou mesmo uma resposta. Tem-se então uma relação recíproca, uma forma de troca e na troca há o princípio que aparece sistematicamente: o da

equivalência. Não é a igualdade, mas é preciso que haja uma equivalência, que se possa apreciar, medir juntos aquilo que é proposto em um sentido e o que retorna em outro.

A equivalência de base, de troca comercial, é aquela em que há um objeto que tem um valor em relação ao qual há o dinheiro que tem o mesmo valor. Na troca comunicacional, há também essa ideia de que se deve poder ter uma medida de valor comum porque senão a comunicação não funciona. Nesse momento, então, pode-se utilizar as ordens sensoriais como suportes de equivalência: eu envio um cheiro e recebo alguma coisa tátil. Eu envio um som e recebo alguma coisa de ordem visual. E na comunicação, o que fazemos? Procuramos uma equivalência – eu digo assim: “por que há essa atitude em relação a mim?”, “qual é a relação com o que eu disse?”, é por isso que a gente não se confunde quando não se compreende. Não é exatamente uma sinestesia no sentido clássico do termo, mas é justamente algo que forma um conjunto sinestésico. Eu tenho frequentemente percebido que aquilo que cremos ser sinestesia são encadeamentos entre sensações com equivalências.

Por exemplo, quando estamos frente a um prato bem preparado temos diante de nós coisas a ver, disposições gráficas, plásticas, de cores, talvez coisas a sentir (olfativas), e isso constitui uma espécie de promessas de equivalência. Quando começamos a degustar, sentimos novamente algo que terá relação com aquilo que vimos e sentimos. É um tipo de promessa sinestésica, e que pode ser enganosa porque podemos muito bem ver e a sentir alguma coisa em total divergência com o que vamos degustar, mas experimentamos esse desacordo justamente porque temos uma espera de equivalência e de concordância.

O que me interessa na sinestesia não é a semelhança, mas a maneira cujo desenrolar da prática constrói uma equivalência. Logo, pode-se passar assim de visual à olfativa, de olfativa à sonora, de sonora à tátil. Por exemplo, quando se espera que em um prato os legumes estejam crocantes e não estão! Isso é interessante do ponto de vista da sinestesia, porque é uma espécie de sintagmática semiótica mas que leva à comunicação – como eu me comunico com aquele que preparou o prato –, pois ele me propôs sensações visuais, olfativas, de relação com a luz por exemplo, que aparecem para mim como uma promessa de sensação degustativa e que poderá, talvez, ser verificada ou não. É uma gama de sentidos temáticos da semiótica e que de fato gera comunicação. A forma como eu comunico com aquele que produziu o prato que me

propõe sensações visuais olfativas em relação à luz, por exemplo, vai me prometer uma sensação degustativa que talvez seja verificada (ou não).

REVISTA INTERIN - *Ainda no enfoque da Comunicação e Linguagens... podemos pensar numa Ética Semiótica, tema abordado em Práticas Semióticas, se nos deparamos, segundo Rancière, com uma “distribuição desigualitária dos corpos e do domínio da fala”, onde alguns falam, outros emitem ruídos?*

Jacques Fontanille - Então, é preciso compreender bem que eu não pretendi fazer uma ética geral. Eu não sou filósofo! Eu propus fazer uma seção da ética na análise das práticas. Logo, é uma ética das práticas. É por isso que não é absolutamente o problema de Rancière, pois como filósofo ele estuda, na totalidade do corpo social, a capacidade de comunicação, de que maneira essa capacidade é distribuída no corpo social e de que modo os homens dela se apropriam ou dela são privados. Trata-se de uma ética política! É bem diferente, porém perfeitamente compatível. Não é o que eu faço.

O que eu quis fazer é tentar compreender como se pode pensar uma ética da prática, emprestando a ideia da retórica geral de Perelman. Foi ele que me induziu a me apaixonar por um assunto que eram as variações do *ethos*, na prática da troca sobre a verdade, e da persuasão. Segundo ele, nessa retórica geral, aquele que procura convencer, para convencer eficazmente, deve bem gerir a força do liame que associa seu *ethos*, o que ele diz, a maneira como ele diz e o seu destinatário. No ato de persuasão, observa-se momentos de frenagem em que o enunciador se coloca à distância daquilo que diz, como se não fosse ele que falasse, porque tem necessidade disso para persuadir o outro. Ou então, precisa para não estar comprometido pessoalmente na resposta que o outro vai dar; ou ainda, há outros momentos em que ocorre um reforço das ligações para que o outro esteja absolutamente convicto de que aquele que fala está totalmente engajado no que se diz, que faça “corpo” (com o ato) completamente.

Ele dá vários exemplos, mas sempre é a noção de frenagem e de reforço do liame sobre a qual insiste. O único liame a que ele visa é a ligação entre o orador e aquilo que ele diz, logo, entre o enunciador e seu enunciado. Essa é, aliás, uma questão que foi retomada pela Linguística da Enunciação. Nos anos 1960-1970, a Linguística

da Enunciação tratava da distância; qual é a distância entre aquele que fala e o seu enunciado, a modalização.

Partindo de Perelman, percebi que o problema foi tratado em muitos lugares e pensei: se o assunto a ser tratado pela ética é a força da ligação que existe entre enunciação e enunciado, é preciso olhar qual é a estrutura da prática. Então, na prática não é uma enunciação e um enunciado, mas um ato, um objetivo, um horizonte estratégico, um operador, um praticante. Há um conjunto, e eu olhei todas as relações - reforçamos ou fragilizamos esses liames e se faz todo tipo de variantes de ética.

A questão colocada por Rancière é interessante do ponto de vista político porque querem nos fazer acreditar que, dentro das sociedades que funcionam bem, a troca é generalizada, que a comunicação é generalizada. Existe uma hipótese liberal segundo a qual todo mundo tem acesso a essa entidade ideal que é a troca. A Antropologia Estrutural contribuiu, aliás, perfeitamente, para instalar essa crença: o modelo de Mauss de dom e de contra-dom, o modelo de troca de mulheres, de bens e de mensagens etc., em Lévi-Strauss, e tudo o que lhe seguiu. A Semiótica “embarcou”, com Greimas, nessa teoria geral das trocas contribuiu para essa ilusão.

É uma ilusão, primeiramente, porque o que é geral são esquemas de relações e entre os esquemas de relações existem as trocas, mas há outros, que são indisponíveis. É uma ilusão, em segundo lugar, porque esses esquemas de relação são distribuídos numa população de maneira muito diversa; muito, muito diversa. A sociolinguística, por exemplo, nos anos 60, mostrou que os modos de relação na utilização da linguagem das diferentes classes sociais eram verdadeiramente muito diferentes, que certas classes sociais utilizavam a linguagem em um modo de comunicação enquanto outras utilizavam a linguagem em um modo de posicionamento, nas suas famílias, com o pai, a mãe, as crianças... e não em um modo de comunicação – um modo de posicionamento, seja de proteção, seja de transmissão, mas não de comunicação. Trata-se então de um problema antropológico que a semiótica pode abordar, mas não vai abordá-lo diretamente, vai abordá-lo de um outro ponto de vista, é um problema antropológico.

REVISTA INTERIN - *Para encerrar e sanar algumas curiosidades próprias de “seres” que se sentem afetos à semiótica... pode contar um pouco da sua experiência de convívio com Greimas durante a co-autoria de Semiótica das Paixões?*

Jacques Fontanille - O trabalho de pesquisador e professor me permite a aprendizagem progressiva, a penetração no pensamento do outro. E esta é uma das coisas mais difíceis e mais apaixonantes que existem!

Isso quer dizer que só se pode progredir, coletivamente, se cada um se esforçar, para aceitar ou rejeitar (pouco importa), em entrar no pensamento do outro. Nem todos fazem esse esforço, alguns o fazem, mas não é a maioria. Isso é verdadeiramente uma questão de ética do conhecimento. Aprendi a fazer esse trabalho com meus estudantes de Doutorado porque para orientar alguém numa pesquisa é preciso, primeiro, compreender como ele entende seu objeto, aquilo que está impregnado nele como imagem do seu objeto. Isso não é fácil! Nada fácil e leva tempo! Quando se quer trabalhar com alguém, o mais apaixonante (porque após a redação... é interessante, mas bem menos), o que é tocante emocionalmente, interessante intelectualmente, é conseguir entrar no pensamento do outro. E para se apropriar dele é preciso ser capaz de formulá-lo de uma outra maneira. Com frequência, percebi que nem todos os colegas, de cujas ideias tento me apropriar, gostam disso. Eles não querem que se pense no interior de seus próprios pensamentos.

Eu tive essa experiência com Claude Zilberberg, em *Tensão e Significação*. Trabalhei muito com ele, durante três a quatro anos, discutindo juntos para compreender aquilo que queria dizer. Ele estava bem menos interessado em fazer esse trabalho comigo, mas tudo bem, eu estava naquela posição de tentar compreender a fundo o seu raciocínio, porque não era evidente entender como ele escrevia, compreender como, ao seu modo, raciocinava. Eu consegui. Depois, juntos, escrevemos de uma maneira que fosse um pouco mais compreensiva para um número maior de pessoas.

E então Greimas, voltando a ele... a relação com Greimas era, de fato, diferente, por múltiplas razões e, é claro, ele era o mestre e eu, um discípulo qualquer. Essa era a relação da época! Greimas fez *Semiótica das paixões* comigo porque outros o recusaram, porque outros estavam receosos. Landowski, que era bem próximo de Greimas, e que já havia escrito coisas com ele, recusou; Anne Hénault não deu resposta

positiva, penso mesmo que Denis Bertrand não respondeu, e quando Greimas me consultou, não havia respostas negativas, mas ele também não tinha recebido respostas. Quando me propôs, não esperei uma semana, eu lhe disse “sim” imediatamente! É essa primeira relação que é particular, com outras – há a questão da relação de igualdade, a gente reflete porque vê as consequências –, mas quando Greimas propôs a Fontanille de escrever *Semiótica das paixões*, Fontanille não refletiu dois minutos!

O segundo elemento diferente que tornou a coisa muito particular era que Greimas estava no final de sua carreira e ele tinha então acumulado todo um modelo, e já havia mesmo começado a obra *De l'imperfection (Da Imperfeição)*, com uma parte do texto redigida. Em outras palavras, estava no final de um grande ciclo de pesquisas e em vias de lançar um outro período, possivelmente. Então, todas as suas reações em relação às discussões que tínhamos ou sobre o que escrevíamos eram determinadas por isso; na verdade, ele não queria que saíssemos do modelo que era fechado, porque não queria que se antecipasse o outro período que estava em vias de lançar – com *De l'imperfection* – e que era bem diferente.

Na verdade, isso provocou uma tensão bastante forte. Se eu aceitei fazer a *Semiótica das Paixões* com Greimas obviamente foi porque era um presente magnífico. Quando recebemos um presente magnífico, aceitamos e agradecemos. Eu tinha a convicção de que partindo da paixão poderíamos iniciar uma evolução no modelo semiótico, porque o tema sobre a paixão não tinha sido explorado suficientemente para conter as inovações. O tema era um prolongamento da semiótica narrativa das modalidades, e é toda uma dimensão sensível e fenomenológica a mais, que estava, no entanto, muito pouco desenvolvida naquele momento. Eu pensei que se fizéssemos a semiótica das paixões seria fazer avançar bem a semiótica, e foi nisso que estivemos em conflito, porque ele tinha uma outra visão da maneira como as coisas deveriam evoluir. Concretamente, redigi a parte teórica, a parte da avareza, a partir das notas de seu seminário, e fiz o capítulo sobre o ciúme. O que fiz sobre a avareza, ele nunca discutiu, porque me mantive fiel ao que havia escrito; introduzi algumas evoluções, mas ele aceitou sem problemas, e o ciúme, não sei mesmo se ele leu, aceitou o capítulo sem discussão. Assim, toda a discussão focou no capítulo teórico que teve cinco ou seis versões. Não me lembro mais, tenho o dossiê comigo, mas o reescrevi

várias vezes – eu enviava três páginas e ele retornava com considerações, questões, discussões que faziam dez páginas, mas dez páginas de manuscrito de Greimas não era qualquer coisa a ler e a interpretar! Foi um trabalho de quatro anos, de reescrituras, e em um dado momento, não tive mais comentários, na quinta ou sexta versão – silêncio. Eu sabia que ele não estava bem de saúde, o livro ficou pronto em 1991 e Greimas morreu em 1992. Não morreu de doença brutal, mas de um acúmulo de problemas de saúde: no coração, nos pulmões, um pouco de tudo. Eu sabia que ele estava cansado e doente, o que me deixava inquieto. Então lhe escrevi que já fazia algum tempo que não discutíamos sobre esse capítulo introdutório de *Semiótica das Paixões*, que talvez fosse bom se decidir agora. Ele me respondeu depois de cinco ou seis meses de silêncio: “Bom, Fontanille, estamos de acordo em 80%. Isso é suficiente para publicar. Envie ao editor.”

Isso quer dizer que a tensão não havia desaparecido!

A Semiótica das Paixões é uma conquista considerando tudo o que veio depois. É um livro que foi traduzido em uma quantidade incrível, que foi citado, foi utilizado, enfim deu uma corrente de reflexão incontrolada, não sei tudo o que se fez, em termos de paixão, a partir dele. Mas, sobre a questão que você colocou, sobre o assunto que eu queria tratar, ou seja, como penetrar no pensamento do outro, posso dizer que não fui bem sucedido. Eu devia ser muito jovem, talvez, sem experiência suficiente, e não compreendi (ele não me deu muitas indicações) em que sentido Greimas queria que eu prolongasse o modelo para fazê-lo evoluir, e tinha resistência com respeito à evolução que eu estava lhe propondo. Isso me leva, enfim, a fazer uma pergunta que nunca me fiz: existe uma parcela de falhas nesse fato, porque se eu tivesse podido penetrar completamente no seu pensamento, de um homem de 70 anos, cansado, e, no fundo, com necessidade de ser compreendido sobre a evolução que ele queria ter dado a uma disciplina se tivesse vivido mais tempo? Bem, eu não consegui!

REVISTA INTERIN – *É essa a imperfeição?*

Jacques Fontanille - A imperfeição era tudo a desenvolver, mas quando eu afrontei o problema com Greimas não conhecia o manuscrito de *Da Imperfeição*. Soube mais tarde que este estava sendo escrito durante o período em que ele trabalhava comigo. De fato, o livro saiu um ano antes da aparição da *Semiótica das Paixões*, que já tinha sido finalizada.

INTERIN, v. 25, n. 2, jul./dez. 2020. ISSN: 1980-5276.

Fig. 1 – Pesquisadores PPGCom UTP em Encontro com Prof. Dr. Jacques Fontanille.



Fonte: fotos de Marcia Boroski (2020)